

**ESPERANÇAR! UM ESCRITO FREIREANO PARA INICIAR O SEGUNDO
QUARTO DO SÉCULO XXI**

HOPE AS ACTION! A FREIREAN TEXT TO BEGIN THE SECOND QUARTER OF THE
21ST CENTURY

¡ESPERANZAR! UN ESCRITO FREIREANO PARA EMPEZAR EL SEGUNDO CUARTO
DEL SIGLO XXI

Ivan Fortunato¹ 0000-0002-1870-7528
Milagros Elena Rodríguez² 0000-0002-0311-1705
Osmar Hélio Alves Araújo³ 0000-0003-3396-8205

¹ Instituto Federal de São Paulo – Itapetininga, São Paulo, Brasil; ivanfrt@yahoo.com.br

² Universidad de Oriente – Cumaná, Sucre, Venezuela; melenamate@hotmail.com

³ Universidade Federal do Piauí – Teresina, Piauí, Brasil; osmarhelioufc@gmail.com

RESUMO:

O artigo problematiza o esperar em Paulo Freire a partir do mundo vivido, marcado pelo aprofundamento das desigualdades e pelo silenciamento dos sujeitos do processo educativo. Compreendida como necessidade ontológica, práxis histórica e ação educativa concreta, a esperança é analisada como força ética e política que recusa a adaptação passiva à realidade injusta. Nesse horizonte, propõem-se dois quefazeres da práxis pedagógica: o reconhecimento do outro como semelhante e a afirmação dos sujeitos como protagonistas do processo educativo. Esperançar afirma-se como modo de permanecer humano em um tempo histórico inacabado.

Palavras-chave: esperar; educação; práxis.

ABSTRACT:

The article examines Paulo Freire's concept of hope as action based on the lived world, marked by deepening inequalities and the silencing of educational subjects. Understood as an ontological necessity, historical praxis, and concrete educational action, hope is analyzed as an ethical and political force that resists passive adaptation to injustice. Two key educational practices emerge: recognizing the other as a fellow human and affirming students and teachers as protagonists of the learning process. Hope as action becomes a way to remain human in an unfinished historical time.

Keywords: hope as action; education; praxis.

RESUMEN:

El artículo analiza el concepto de esperar de Paulo Freire a partir del mundo vivido, marcado por la profundización de las desigualdades y el silenciamiento de los sujetos educativos. Compreendida como necesidad ontológica, praxis histórica y acción educativa concreta, la esperanza se considera una fuerza ética y política que rechaza la adaptación pasiva a la

injusticia. Surgen dos quehaceres fundamentales: reconocer al otro como semejante y afirmar a los sujetos como protagonistas del proceso educativo. Esperanzar se constituye como modo de permanecer humano en un tiempo histórico inacabado.

Palabras clave: esperançar; educación; práxis.

Esperançar!

Espero, convencido de que chegará o tempo em que, passada a estupefação em face da queda do muro de Berlim, o mundo se re fará e recusará a ditadura do mercado, fundada na perversidade de sua ética do lucro [...] Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética (Freire, 2002, p. 65).

Este escrito emerge de uma contundente provocação: como manter a esperança diante de um sistema educativo que não se refez e não recusa a ética do lucro? Diante dessa interpelação, propomos, com base no legado Freireano, esperançar o tempo presente, avançando em direção ao segundo quarto do século XXI. Educadores, idealistas e sonhadores, seguimos apostando, com Paulo Freire, na humanidade, cientes de que esperamos há anos.

Não podemos mais esperar, mas esperançar! Por isso, chamamos cúmplices, caminhantes atentos, prontos para revelar a opressão e construir utopias de alto voo, como verdadeiros andarilhos da esperança que caminham lado a lado com a transformação.

O primeiro quarto deste século não trouxe consigo a superação da ditadura e da crueldade do lucro, contra as quais Paulo Freire alertava. Pelo contrário, foi marcado por atentados terroristas, guerras prolongadas, crises econômicas globais e pandemias, ao mesmo tempo em que se aprofundaram as desigualdades sociais, a expansão de formas contemporâneas de fascismo e autoritarismo, o recrudescimento dos discursos de ódio e o aumento de violências sistemáticas, como os feminicídios e outras violações de direitos humanos, configurando uma profunda crise civilizatória (Hobsbawm, 2007; Bauman, 2013; Mbembe, 2018; Santos, 2020).

O cenário vivido até o momento confirma a atualidade da crítica Freireana à ética do lucro e à mercantilização da vida, evidenciando que a esperança, longe de ingenuidade, constitui-se como uma postura ética e política de resistência à ditadura do mercado. Apostar na humanidade, como sempre defendeu Paulo Freire, implica reconhecer a educação como prática de humanização em um contexto que insiste em naturalizar a desigualdade, a violência e a exclusão.

Assim, esperar o tempo presente significa afirmar a possibilidade de transformação histórica mesmo em meio à crise civilizatória que insiste em se manter presente e atual. Como já afirmamos: “quanto mais se compreende o amor à vida, a esperança na humanidade e a luta pela Libertação Freiriana, mais se deseja romper com o sistema competitivo, individual e injusto em que vivemos” (Rodríguez; Fortunato, 2024, p. 8).

Por isso, retomamos o livro *Pedagogia da Esperança*, no qual Paulo Freire (1997) retoma e aprofunda o diálogo com sua célebre obra *Pedagogia do Oprimido*, oferecendo uma expressão vigorosa da categoria aqui em estudo: o esperar Freireano. Trata-se de uma esperança que se constrói na práxis, no fazer e quefazer cotidiano, mesmo em contextos de dor, exílio e desumanização.

Se vivemos um quarto de século que, embora preche de transformações, foi marcado pela persistência da desesperança e pelo esgotamento da vida, Paulo Freire nos lembra que a tarefa de educar continua sendo um ato profundamente ético e amoroso. Ontem como hoje, o amor conduz à esperança. Diante disso, interpelamos a nós mesmos, docentes: que escolhas fazemos, em nossa própria vida e prática, frente às múltiplas formas de opressão que atravessam o cotidiano educativo?

Freire (1997) reconhece que essa tarefa é árdua e que o enfrentamento à falta de humanidade nas políticas educacionais frequentemente expõe educadores à desqualificação e ao ataque. Essa experiência de luta e deslocamento marcou profundamente sua trajetória, como ele próprio relata:

Algumas dessas tramas terminaram por me trazer ao exílio a que chego com o corpo molhado de história de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados mas não desfeitos, de saudades de meu mundo, de meu céu [...] Cheguei ao exílio e à memória que trazia no meu corpo antas tramas juntei a marca de novos fatos, novos saberes constituindo-se então em novas tramas (Freire, 1997, p. 6).

E sabemos que, mesmo após o retorno do exílio, Paulo Freire seguiu constatando a persistência das iniquidades em seu amado Brasil. Ainda assim, a esperança não se dissolveu; ao contrário, constituiu-se como força que atravessou lágrimas, injustiças e contradições, reafirmando o compromisso radical com a humanização.

Inspirados pelo educador pernambucano, seguimos batalhando, sempre, por dias melhores. No mais profundo de tudo que vivemos, pulsa a esperança e, por isso, um dos maiores traços ontológicos da nossa humanidade é a esperança. Adentrando mais um pouco nas contribuições de Paulo Freire, percebemos que a esperança, seja como necessidade ou exigência

ontológica dos seres humanos, é o fio que costura a história de cada pessoa e, com isso, não se esgota nunca no presente: projeta-nos em direção ao futuro.

Talvez por isso, nas palavras de Freire, a esperança assuma um tom provocativo, indissociável da liberdade. O amanhã, embora não se reduza à vontade individual, exige uma postura ética diante das condições históricas concretas. Cabe a cada pessoa, nesse horizonte de limites e possibilidades, reconhecer a esperança não como destino ou fado, mas como ato de libertação. Assim, esperar é um devir histórico aberto à transformação.

Em Paulo Freire, a esperança não se reduz a um sentimento subjetivo ou a uma expectativa ingênua diante do futuro. Trata-se, antes de tudo, de uma necessidade ontológica, constitutiva da condição humana, sem a qual não há projeto histórico possível. Enquanto exigência do ser, a esperança afirma a inconclusão humana e a abertura permanente ao *vir-a-ser*, mesmo em contextos marcados pela desumanização.

Contudo, essa esperança ontológica não se sustenta fora da história. Na perspectiva Freireana, ela se realiza como práxis histórica, indissociável da ação e da reflexão crítica sobre as condições concretas de existência. Esperançar, nesse sentido, é recusar a adaptação passiva à realidade injusta e assumir uma postura ética e política de enfrentamento às estruturas que naturalizam a desigualdade, a violência e a exclusão.

É no campo da educação que essa práxis esperançosa encontra uma de suas expressões mais decisivas. Como ação educativa concreta, a esperança se materializa nos quefazeres cotidianos do magistério, no cultivo do amor pelos semelhantes e no reconhecimento dos sujeitos do processo educativo como seres históricos capazes de ensinar, aprender e transformar o mundo. Assim compreendida, a esperança deixa de ser promessa abstrata e converte-se em força pedagógica orientada à humanização e à construção de futuros possíveis.

A esperança na libertação não significa já a libertação. É preciso lutar por ela, dentro de condições historicamente favoráveis. Se estas não existem, temos de pelear esperançadamente para criá-las, viabilizando, assim, a libertação. A libertação é *possibilidade*; não sina, nem destino, nem fado (Freire, 2015, p. 34).

Nesse contexto, a libertação como “possibilidade” manifesta-se como uma esperança teimosa orientada para a transformação do presente. Esperança e liberdade constituem dimensões ontológicas fundamentais da condição humana, sem as quais não há projeto histórico autêntico. Por isso, faz sentido o exercício proposto por Freire: “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (Freire, 1992, p. 1).

Esperançoso! Palavra constitutiva do processo educativo que exige cuidado cotidiano. À luz da pedagogia Freireana, ela é força motivadora de nosso agir no mundo; impulsiona-nos a não aceitar a passividade ou a alienação diante de práticas opressoras e ataques a ideias libertadoras. Já escreveu Paulo Freire: “enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (Freire, 1997, p. 15). Contudo, perguntamo-nos: quais são hoje as razões de nossa esperança no processo educativo e na sociedade, em um tempo marcado pelo desamor, pelo desespero e pela perda de fé nos próprios sujeitos da educação?

Como já delineado, a conjuntura histórica que se manteve dominante ao longo deste primeiro quarto de século tem sido marcada pela ampliação das desigualdades sociais e econômicas, pelas mudanças climáticas, por uma globalização excludente e pelo avanço de discursos de ódio e de criminalização de povos indígenas, comunidades ribeirinhas e moradores das periferias urbanas. Esse cenário não apenas caracteriza o presente, mas projeta-se sobre o futuro, intensificando a descrença na possibilidade de uma vida mais justa.

Nessa perspectiva, tal contexto social tem conduzido muitos sujeitos ao desespero, ao ceticismo e ao pessimismo em relação ao processo educativo. Ainda assim, nesse mosaico complexo e plural que constitui a sociedade contemporânea, os diferentes atores da educação são desafiados a nutrir uma esperança viva, mesmo diante de um sistema que frequentemente massacra educadores que ousam transgredir e sustentar ideias libertadoras. Assim, educar, e ser educador ou educadora, nesse tempo histórico implica transformar as múltiplas formas de opressão em possibilidades de liberdade.

No exercício contínuo de leitura crítica dessa realidade, percebemos que a falta de amor por nossos semelhantes tem conduzido ao desespero e à escassez de fé nos atores do processo educativo; é nesse mesmo movimento que se revela o sentido maior do nosso esperançar: a recusa da desumanização e a aposta ética na educação como prática de transformação do mundo. Esse esperançar se ancora, hoje, em dois quefazeres fundamentais para o futuro do processo educativo e da sociedade.

Categoria Freireana central para a transformação do mundo, o quefazer não se reduz a uma ação instrumental, mas expressa uma práxis implicada em uma postura ética, crítica e política. Como afirma o próprio Freire (1987, p. 107), “na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação”.

Ao tratar do esperançar como práxis educativa, não nos referimos a um conjunto ilimitado de ações dispersas, mas a quefazeres fundamentais, entendidos aqui como categorias

ético-políticas que orientam a ação pedagógica em contextos históricos marcados pela desumanização.

Nossa proposição por quefazeres emerge, portanto, de uma leitura crítica do primeiro quarto do século XXI, marcado por promessas de transformação que não se realizaram. Pelo contrário, pois, em muitos casos, resultaram no aprofundamento das desigualdades, dos silenciamentos e da desumanização, inclusive no campo educativo. Diante desse cenário, os quefazeres aqui delineados não pretendem oferecer soluções totais, mas apontar possibilidades ético-políticas de resistência e reinvenção da práxis educativa no segundo quarto do século.

A opção por dois quefazeres não é arbitrária: ela responde a duas dinâmicas estruturais que atravessam o campo educativo contemporâneo, o silenciamento do outro como semelhante e a desconsideração dos sujeitos do processo educativo como seres históricos. Assim, os quefazeres aqui propostos não se configuram como prescrições técnicas, mas como princípios orientadores da práxis, que se concretizam no cotidiano escolar por meio de escolhas pedagógicas, relações educativas e posicionamentos éticos diante das condições reais de ensino e aprendizagem.

Nesse horizonte, o primeiro quefazer é o do (re)encontro ético com o outro. Esse quefazer consiste em cultivar cotidianamente o amor por nossos semelhantes como prática histórica concreta, capaz de transformar o mundo. O oposto desse cultivo manifesta-se em uma existência pessoal e profissional marcada pelo egoísmo, pela exploração e pela destruição. Fugir dessa vocação do magistério de transformar o mundo equivale a falsear o processo educativo e a esvaziar o amor pelo outro que o sustenta, pois, como escreveu Paulo Freire (1967, p. 97): “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

Do amor por nossos semelhantes emerge o compromisso com o processo educativo, com o crescimento, o desenvolvimento e a emancipação das pessoas, bem como com o cuidado com a vida planetária. Ao longo deste primeiro quarto de século, marcado pela persistência da desesperança e pela intensificação das lógicas de mercantilização da vida, a educação tem sido frequentemente reduzida a mercadoria, instrumentalizada como ideologia política ou atravessada por práticas negacionistas, o que ameaça sua qualidade e seu potencial transformador.

Um dos efeitos mais nefastos desse cenário é a manutenção histórica do silenciamento dos sujeitos do processo educativo, expressão concreta da desconsideração de sua condição de seres históricos. Esses sujeitos são, assim, sistematicamente tratados como objetos de uma

instrução massificada, orientada por interesses mercadológicos e instrumentais. Além de tudo isso, gerenciados por uma ilusão meritocrática, que sustenta a ideiação de que é necessário esforçar-se mais que seus colegas para vencer na vida (Reimer, 1977).

Ao longo dos anos vividos neste século, tem-se reiterado uma contradição central: a crença de que é possível falar em transformação social sem reconhecer os sujeitos que constroem o processo educativo. É justamente nesse ponto que se inscreve o segundo quefazer do esperar, o da (re)abertura do horizonte histórico. Esse quefazer implica reafirmar os sujeitos do processo educativo como seres históricos, capazes de ensinar, aprender e transformar o mundo.

A canção *Semente do Amanhã (Nunca Pare de Sonhar)*, de Gonzaguinha, expressa poeticamente essa aposta radical na humanidade ao afirmar que “nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será¹”. Esse *nós* significa sujeitos concretos, situados em relações históricas marcadas por opressões e disputas, que escolhem agir coletivamente para transformar a realidade. Reconhecer, valorizar e apostar na capacidade humana de ensinar e aprender constitui, assim, o exercício de uma pedagogia que sustenta a esperança não como ingenuidade, mas como prática ética, crítica e política voltada à transformação da vida, da educação e da sociedade.

O processo educativo que se afasta da aposta na capacidade humana de construir um futuro melhor corre o risco de se distanciar dos dramas, contradições e desigualdades que atravessam a vida concreta, favorecendo desesperanças e visões distópicas, especialmente entre aqueles que experimentam a angústia e as incertezas do tempo presente. Por estar enraizado na vida cotidiana e nos dramas humanos, o processo educativo pode, em sentido contrário, constituir-se como espaço de experiências que cultivem o bem, a paz, a solidariedade, o cuidado com a vida, a humanidade e o futuro.

Eis a proposta que orienta nosso esperar: recuperar o amor por nossos semelhantes e a fé nos atores do processo educativo como princípios de uma educação que humaniza e, a partir deles, construir processos educativos comprometidos com a liberdade, em um cenário no qual a lógica do lucro se sobrepõe à vocação humanizadora da educação.

Inspirados em Paulo Freire, afirmamos a ousadia da esperança como prática educativa ética e política. Queremos continuar esperando para que o processo educativo tenha

¹ Letra disponível no site: <https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/280650/> Acesso em: 02 de nov. 2025.

realmente sentido e plenitude e, por isso, *quefazemos*: esperança como uma bússola que nos move na direção da liberdade como possibilidade(s) de tempos novos e melhores.

Assim, depois de um quarto de século marcado por promessas não cumpridas, silenciamentos reiterados e pelo aprofundamento das desigualdades, resta-nos seguir. Seguir não como quem ingenuamente ignora o que se vive, mas como quem (re)aprende a caminhar entre escombros. É nesse movimento atento e inacabado que o esperançar se reinventa como práxis educativa cotidiana, no amor que se cultiva pela vida e na recusa de tratar a educação como mercadoria ou farsa.

Talvez seja isso que nos caiba agora: sustentar, no presente, atitudes que mantenham aberta a possibilidade de outros modos de viver, mais vivos. Esperançar, assim, segue sendo um modo de permanecer humano enquanto a história continua, inacabada como nós. No quarto de século que se abre, *quefaremos* nosso melhor como pessoas educadoras.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais**: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**: saberes necessários para a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

REIMER, Everet. **A escola está morta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

RODRÍGUEZ, Milagros Elena; FORTUNATO, Ivan. Liberación Freiriana hoy: la emergencia de una política educativa como humanidad en la tierra – patria. **Educación em Revista**, Curitiba, v. 40, e94690, 2024. <https://doi.org/10.1590/1984-0411.94690>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: edições Almedina, S.A., 2020.

SOBRE AS PESSOAS AUTORAS

Ivan Fortunato. Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP, 2022), Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (IB/UNESP, 2018) e Doutor em Geografia (IGCE/UNESP, 2014). Professor do Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga.

Contribuição de autoria: autor.

Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/8293044394759438>

Milagros Elena Rodríguez. Cristiana, venezolana. Profesor jubilado de la Universidad de Oriente (UDO), Venezuela. Doctorado en Patrimonio Cultural, Universidad Latinoamericana y el Caribe, Venezuela. Doctorado en Innovaciones Educativas, Universidad Nacional Experimental de las Fuerzas Armadas, Venezuela.

Contribuição de autoria: autora.

Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/7127834972033651>

Osmar Hélio Alves Araújo. Doutor em Educação (PPGE/UFPB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Docente Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFPI) e Educação (PPGE/UFPB). Coordena o Grupo Laconex@o.

Contribuição de autoria: autor.

Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/0422935292610713>

Como citar este artigo

FORTUNATO, Ivan; RODRÍGUEZ, Milagros Elena; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. Esperançar! Um escrito Freireano para iniciar o segundo quarto do século XXI. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 4 n. 4, 2025. DOI: 10.22481/redupa.v4i04.18532